

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

**CAMINHOS AO DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO:
OLHARES, PRÁTICAS, E DESAFIOS.
A ATUAÇÃO DO COEP UNIVERSIDADES CIDADAS EM
CAÇIMBA CERCADA – MATA GRANDE
CAMPINHOS - PARICONHA
QUIXABEIRA – ÁGUA BRANCA
ALAGOAS**

MARÇO 2006

APRESENTAÇÃO

Este documento apresenta o resultado do trabalho realizado em comunidades rurais situadas no sertão do estado de Alagoas, como atividade integrante dos Projetos Universidades Cidadãs e Projeto Algodão, coordenados pelo Comitê de Entidades no Combate à Fome e pela Vida – COEP. As atividades tiveram início em novembro de 2005, quando a equipe da UFS, realizou a primeira visita de reconhecimento à Comunidade Quixabeira, localizada no município de Água Branca. Após o primeiro contato realizamos estudos e pesquisas ligadas ao Desenvolvimento Comunitário, para embasar nossa participação na localidade. Em janeiro de 2006, voltamos à Quixabeira, e às comunidades chamadas de “novas”: Campinhos no município de Pariconha e Cacimba Cercada, no município de Mata Grande. Nesse momento, realizamos oficina diagnóstica situacional, visando identificar o perfil da comunidade no tocante aos aspectos econômicos, social e cultural, além da sua inserção nas políticas públicas locais e buscando colher as informações para subsidiar as propostas relativas à capacitação.

A equipe é coordenada pela Prof^a. Núbia Dias dos Santos (UFS), contando com a participação de Alvanira Ribeiro Melo e Carlos Eduardo acadêmicos do curso de bacharelado em geografia da UFS. Na primeira etapa houve também a participação dos pesquisadores José Mendes de Araújo (EMBRA/CNPA) e Aderaldo Trajano (COEP). Na segunda fase do trabalho, contamos com a participação dos técnicos Murilo e Ronacio além participação decisiva dos moradores das comunidades acima citadas. Foram definidas várias demandas, as quais foram agrupadas em três classes: Demandas de Capacitação, Demandas de Apoio à Inserção em Políticas Públicas e Demandas Estruturantes. As primeiras demandas serão trabalhadas de março até setembro de 2006, a partir da capacitação dos membros das comunidades a partir dos grupos de interesses.

II - MARCO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Para a realização do trabalho, a equipe utilizou quatro eixos norteadores: CHEGAR, CONHECER, DESENVOLVER, AGIR.

CHEGAR – A proposta do trabalho na comunidade, tem a perspectiva de contribuir para o fortalecimento dos laços de comunidade, coletividade e associacionismo, no entanto, para que a atividade tenha êxito é importante analisar de que maneira a equipe irá chegar até a comunidade, como irá interagir com a mesma. Neste sentido, iniciamos um processo na equipe da UFS, para desmistificar valores e buscar chegar até a comunidade desprovidos de idéias pré-concebidas e (pré) conceitos que poderiam criar atritos e estranhamento com a comunidade, criando barreiras ao desenvolvimento da atividade. Esvaziamo-nos de nós mesmos para sermos mais um junto às comunidades. A idéia não é a de despolitizarmo-nos, ou fingir que não somos nós mesmos, mas a de estarmos plenamente abertos à troca de conhecimento, abertos ao outro, e ao que o outro pode nos oferecer, de forma a estabelecermos um diálogo horizontal, entre seres humanos que se fazem iguais, por serem humanos, homens e mulheres sujeitos históricos, ricos nas suas experiências pessoais e coletivas, ricos na sua cultura e no seu jeito de ser gente. Procuramos estabelecer assim na relação do “eu” com o “outro”, os cuidados para não interferir no tempo, na dinâmica da comunidade, nem desenvolver ações que contribuam para a perda da identidade dos grupos envolvidos. Este processo foi norteado pela leitura de MARTINS, J.S. com destaque para a obra: A Chegada do Estranho.

“A dimensão do tempo é essencial para decifrar os movimentos sociais. Ela tem implicações metodológicas. É na inversão do tempo ou, ao menos, na redefinição do tempo, que o estudioso dos movimentos sociais se transforma em instrumento e momento do seu objeto, através da experiência de se transformar em experiência do outro. Na verdade, o estudo dos movimentos sociais do campo, e também dos movimentos

indígenas, só é eficaz quando se transforma, por meio deles, num estudo sobre a nossa própria sociedade e sobre nós mesmos. “Nós” que abrange a diversidade constituída por “ele”. Não era esse um artifício preconizado pela sociologia clássica e também pela antropologia, o de que o nós fosse objetivamente visto com os olhos dos outros? Pois ou *outros* estão entre *nós!*” Martins, 1993:40

CONHECER. A fase do conhecer foi importante para resgatar de que maneira a academia, através dos estudos teóricos, tem se debruçado sobre a análise das comunidades rurais, especificamente sobre os grupos sociais denominados de camponeses. Esta leitura subsidiou a equipe para pensar as comunidades enquanto construção coletiva, que tem sua identidade sociocultural, pautada principalmente pela atividade agrícola e na lida da terra, além da forte religiosidade, do peso da palavra dada, das práticas coletivas de trabalho: mutirão, troca de dias de serviço, os laços familiares, a relação política com os donos do poder local e regional, as diversas relações de trabalho com os proprietários de terras.. Essa etapa foi subsidiada pela leitura de MOURA, M.M Camponeses, e nos permite estabelecer um diálogo entre o conhecimento produzido na academia e o construído no cotidiano das comunidades.

Quem é camponês?

“Vivendo na terra e do ela produz, plantando e colhendo o alimento que vai para sua mesa e para a do príncipe, do tecelão e do soldado, o camponês é o trabalhador que se envolve mais diretamente com os segredos da natureza”. Moura, 1986:9

Como se processa sua relação com a sociedade global:

“O campesinato é sempre um pólo oprimido de qualquer sociedade. Em qualquer tempo e lugar a posição do camponês é marcada pela subordinação aos donos da terra e do poder, que dele extraem diferentes tipos de renda: renda em produto, renda em trabalho, renda em dinheiro”. Moura, 1986:10

A religiosidade, enquanto traço da cultura, da identidade camponesa:

” A religião do camponês baseia-se na dívida para com a divindade de forma tão direta e intensa que a desconfiança de que o sobrenatural desconhece seu pedido feito a ele pode levar o crente a castigá-lo de alguma forma”. Moura, 1986:20

A família componente indissociável da identidade camponesa, elo do sangue, do trabalho, da cultura e da terra:

“O trabalho familiar caracteriza o vínculo social do camponês com a terra”. Moura, 1986:54

Para entender as comunidades rurais, é necessário o passeio sobre a questão do gênero e do sexo na participação das atividades e nas tomadas de decisão.

O homem é o responsável pela tomada das decisões no interior da propriedade e na gestão do núcleo familiar. É ele quem decide o que irá plantar, como plantar, para quem irar comercializar a produção, para quem e como irá vender a sua força de trabalho, quais os membros da família que irão participar das atividades internas e externas à propriedade e quais as atividades destinadas a cada um dos membros da família.

A família toda participa do processo produtivo, mas apenas o chefe recebe pela remuneração dos demais.

O resultado do trabalho coletivo familiar aparece na forma de alimentos, abrigo e roupas. Não há remuneração individual pelo trabalho realizado no interior do núcleo familiar. Assim observa-se como se dá a participação da mulher nas atividades produtivas, que de um lado:

“A mulher pode estar presente nas tarefas de produção, ou ausente em grande número delas, restringindo-se a tarefas que executa no interior de sua própria casa e no terreiro que lhe é contíguo” Moura, 1986:54

Mas em outras localidades:

“Em certas áreas do Brasil rural, a mulher do sitiante não vai à roça trabalhar; em outras, o trabalho feminino inclui a participação no plantio e na colheita, atividades que acumula com as tarefas desempenhadas no corpo da casa e no quintal contíguo. Sabe-se que pequenas parcelas da roça podem estar sob controle feminino, e que o produto nelas obtido visa assegurar às mulheres condições de convertê-lo, pela venda, em bens para uso próprio.” Moura, 1986:55

É pouco usual a prática da venda dos produtos para atender às necessidades específicas das mulheres. Observa-se a pouca importância dada ao trabalho feminino, mesmo havendo um acúmulo de atividades que envolve tanto as tarefas domésticas, o cuidado com os filhos e a participação efetiva nos trabalhos na roça, como ainda em muitos casos, cabe às mulheres à venda da colheita nas feiras locais, como ainda são as responsáveis pelas atividades produtivas ligadas à produção, como a fabricação e comercialização de doces caseiros, de queijos, manteigas, assim como atividades manuais: confecções de redes, artesanatos de palhas, de barro dentre outros.

Outro componente da unidade familiar de produção está ligado ao trabalho infantil, mecanismo utilizado na lógica camponesa para despertar a socialização das crianças, ligando-as desde cedo à sua cultura.

“O trabalho infantil está presente na ajuda às tarefas domésticas e as propriamente agrícolas. Se comparada a participação ativa de uma criança camponesa, em tarefas que demandam esforço, atenção e responsabilidade, com a de uma criança da cidade, nascida numa família de classe média, são notáveis as diferenças tanto no que se refere à idade em que é iniciada em tarefas que demandam esses predicados, quanto ao volume de trabalho a ela atribuído. Esta observação comparativa é tão verdadeira para a Inglaterra do século XVIII quanto para o Brasil contemporâneo. Nem mesmo nas áreas agrárias do mundo capitalista mais rico é possível dizer que entre a criança do campo e a da cidade inexistem diferenças quanto à socialização, instrução e incorporação à esfera do trabalho.” Moura, 1986:55

DESENVOLVER – Refletir sobre o que significa O DESENVOLVIMENTO LOCAL, quais as suas bases conceituais, quais as suas metodologias, os caminhos para sua realização. Baseamos-nos na obra de FRANCO para.

Problematizar o que é o local:

“O que se chama hoje de *Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável* é uma denominação ampla para vários tipos de processos de desenvolvimento local. Lançada institucionalmente em 1997, pelo Conselho da Comunidade solidária, a expressão foi adotada pela maioria dos atores que se dedicam ao desenvolvimento local no Brasil. “ Franco, 2000: 22,23

Como o mesmo pode ser palco de mudanças e não simplesmente um receptáculo das transformações e exigências do global:

“O local atua como elemento de transformação sóciopolítico-econômica, representando o *locus* privilegiado para novas formas de solidariedade e parceria entre os atores, em que a competição cede espaço à cooperação. O local representa, nesse contexto, uma fronteira experimental para o exercício de novas práticas.’ Becker, 1997, in: Franco, 200:23

Ao mesmo tempo em que o local pode funcionar como mediador, espaço de possibilidades:

“O local constitui-se assim em espaço de articulação, sinalizando a possibilidade de gestarem-se, a partir das sinergias produzidas por essas interações, soluções inovadoras para muitos dos problemas da sociedade contemporânea.” (Albagli, 1998, in: Franco, 2000:24),

Fugindo assim, da visão reducionista do local, como sinônimo de insignificância e de atraso:

“A palavra *local* aqui não é sinônimo de pequeno e não alude necessariamente à diminuição ou redução. O conceito de local adquire, pois, a conotação de alvo socioterritorial das ações e passa, assim, a ser

redefinido como o âmbito abrangido por um processo de desenvolvimento em curso, em geral quando esse processo é pensado, planejado, promovido ou induzido.” Franco, 2000:27

O autor auxilia na análise relativa ao desenvolvimento comunitário apresentando alguns elementos-chaves para que o desenvolvimento aconteça:

“Diz-se que uma comunidade se desenvolve quando torna dinâmicas suas potencialidades. É possível que a palavra desenvolver queira dizer isso mesmo: desenrolar, desdobrar, dar, seguimento a uma tendência, realizar uma predisposição *genética*, rodar um *programa* herdado. Quer dizer: *tornar dinâmica uma potencialidade.*”

De forma que permita à comunidade o seu crescimento em vários níveis e esferas:

“O desenvolvimento local tem muitas dimensões: econômica, social, cultural, ambiental e físico-territorial, político-institucional e científico-tecnológica, que mantêm, umas em relação às outras, relativo grau de autonomia. Todas essas dimensões comparecem no processo de desenvolvimento, em conjunto, determinando-o ou, em particular, condicionando-o.” Franco, 2000:30

Chama a atenção para uma das qualidades necessárias aos atores que estarão envolvidos com a proposta de desenvolvimento comunitário:

“O local é, neste sentido, produto do olhar. Do olhar que reconhece uma potencialidade quando está focalizado em um subconjunto e esse reconhecimento é sempre relacional, quer dizer, faz sentido quando comparado a outros subconjuntos.” Franco, 2000:31

E acrescenta

“Quando se fala em desenvolvimento, fala-se, portanto, em melhorar a vida das pessoas (desenvolvimento humano), de todas as pessoas

(desenvolvimento social), das que estão vivas hoje e das que viverão amanhã (desenvolvimento sustentável). Franco, 2000:36

Assim conceitua :

“o capital humano se refere mais diretamente ao conhecimento, ao *know-how* e à capacidade de cria-lo e recria-lo – o que envolve a educação, a saúde, a alimentação e a nutrição, a cultura e a pesquisa” Franco, 2000:37

“O capital social diz respeito aos níveis de organização de uma sociedade. Existe uma relação direta entre os graus de associacionismo, confiança e cooperação atingidos por uma sociedade democrática organizada do ponto de vista cívico e cidadã e a boa governança e a prosperidade econômica.” Franco, 2000:38

“O capital natural diz respeito às condições ambientais e Físico-territoriais herdadas.” Franco, 2000:38

Extraímos ainda de FRANCO (2000: 40) a crítica relativa aos grandes projetos de desenvolvimento econômicos realizados pelo poder público que esteve dissociada de uma política de crescimento humano e social:

“O Brasil foi um dos países que experimentou o maior crescimento econômico em passado recente e, no entanto, foi também um dos países do mundo que mais aumentou a distância entre crescimento econômico e desenvolvimento social. Somos os campeões mundiais nesta matéria de concentração de renda e de desigualdade.” Franco, 2000:40

AGIR, de que maneira a equipe iria desenvolver as ações na comunidade, qual o eixo condutor da prática. Este momento foi norteador pela obra de Thiollent: Metodologia da Pesquisa Ação, esta sendo entendida pelo autor como:

“Pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema

coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.” (THIOLLENT, 1986, p.14)

A pesquisa ação se desenvolve seguindo um roteiro. Este será exposto no trabalho em sua totalidade, lembrando que a oficina diagnóstica, é apenas uma das etapas propostas por esta metodologia.

Momento 1 – **Fase Exploratória** – É o momento de diagnosticar a realidade do campo de pesquisa. Estabelece-se a partir dele, um primeiro levantamento da situação, dos problemas de primeira ordem, e de eventuais ações. O diagnóstico portanto, vai localizar o que falta no contexto investigado: educação, recursos, entre outras coisas. Então, após o levantamento das informações iniciais, pesquisadores e participantes se dedicam a estabelecer os principais objetivos da pesquisa. Objetivos estes que se interligam aos problemas prioritários, ao campo de observação, aos atores e ao tipo de ação que pretende-se focalizar no processo investigativo.

Momento 2 – **O Tema da Pesquisa** – A definição do tema da pesquisa é o momento de designar o problema prático e a área de conhecimento a ser abordada. Na maioria das vezes, o tema é escolhido com base em compromissos assumidos entre a equipe de pesquisadores e os sujeitos da situação investigada. Portanto, o tema deve tanto interessar aos pesquisadores como aos sujeitos investigados, para que todos desempenhem um papel eficiente no desenvolvimento da pesquisa. Pode acontecer, e não é raro, do tema ser solicitado pelos atores da situação. Neste mesmo momento ainda, um marco teórico específico é escolhido para nortear a pesquisa. Assim, nesta fase, faz-se necessário também a pesquisa bibliográfica.

Momento 3 – **A Colocação dos Problemas** – É o momento de definir uma problemática na qual o tema escolhido ganhe sentido. A colocação dos problemas abarca os seguintes pressupostos: “a) análise e delimitação da situação inicial; b) delineamento da situação final, em função de critérios de desejabilidade e factibilidade; c) a identificação de todos os problemas a serem resolvidos para permitir a passagem de (a) para (b); d) planejamento das ações correspondentes; e) execução e avaliação das ações”. Nesta fase, portanto, é necessário discutir a relevância científica e prática do que será pesquisado. Dessa forma, seria possível redirecionar a pesquisa ou até mesmo suspendê-la.

Momento 4 – **O Lugar da Teoria** – O projeto de pesquisa-ação precisa estar articulado dentro de uma determinada realidade com um quadro de referência teórica que é adaptado de acordo com o setor em que se dá a pesquisa. As informações que serão levadas ao seminário devem, portanto, ser interpretadas à luz de uma determinada teoria.

Momento 5 – **Hipóteses** – Apesar de termos a falsa concepção de que na linha interpretativista de pesquisa não existem hipóteses, é chegado o momento de pensar com cuidado acerca desta proposição. Temos de compreender as hipóteses como suposições formuladas pelo pesquisador a respeito de possíveis soluções para um problema colocado na pesquisa. Neste

sentido, o uso do procedimento hipotético é fundamental para que a partir de sua formulação o pesquisador identifique as informações necessárias, evitando a dispersão e focalizando segmentos determinados do campo de observação. Neste sentido, na linha interpretativista pode-se dizer acerca da formulação de hipóteses, contudo, estas não são testadas. Em verdade, assumem um caráter de condutoras do pensamento.

Momento 6 – **Seminário** – O seminário desempenha o papel de exame, discussão e tomada de decisões acerca da investigação. Além disso, ele desempenha também a função de coordenar as atividades dos grupos. Cabe ressaltar ainda que as reuniões de seminário dão lugar a atas. Algumas das principais tarefas do seminário são: “1 – Definir o tema e equacionar os problemas para os quais a pesquisa foi solicitada. 2 – Elaborar a problemática na qual serão tratados os problemas e as correspondentes hipóteses da pesquisa. 3 – Constituir os grupos de estudos e equipes de pesquisa. Coordenar suas atividades. 4 – Centralizar as informações provenientes das diversas fontes e grupos. 5 – Elaborar as interpretações. 6 – Buscar soluções e definir diretrizes de ação. 7 – Acompanhar e avaliar as ações. 8 – Divulgar os resultados pelos canais apropriados.” (p.59)

Momento 7 – **Campo de Observação, Amostragem e Representatividade Qualitativa** – Uma pesquisa-ação pode abranger uma comunidade geograficamente concentrada ou espalhada. A questão da amostragem e da representatividade é fator discutível: alguns excluem a pesquisa por amostra; Outros recomendam o uso de amostragem; e uma terceira posição ainda, consiste na valorização de critérios de representatividade qualitativa.

Momento 8 – **Coleta de Dados** – Efetuada por grupos de observação e pesquisadores sob controle do seminário central. As principais técnicas utilizadas são a entrevista coletiva ou individual, questionários convencionais, estudo de arquivos ou jornais. São montados diversos grupos de observação. Para isso faz-se um treinamento específico do pessoal. Todas as informações coletadas pelos diversos grupos de observação e pesquisadores de campo são transferidas ao seminário central, onde são discutidas, analisadas, interpretadas.

Momento 9 – **Aprendizagem** – Na pesquisa-ação tem-se a associação entre uma capacidade de aprendizagem ao processo de investigação. Para Thiollent, tal associação tem relevância especialmente na pesquisa educacional. Vale lembrar que a concepção de colaboração entre os participantes assemelha à nossa proposta. Porém, é possível entrever tal colaboração apenas numa perspectiva do pesquisador para com o pesquisado. A colaboração entre pares e aquela entre pesquisado e pesquisador são esquecidas.

Momento 10 – **Saber Formal e Saber Informal** – Partindo da suposição de que há diferentes formas de saber, num primeiro momento, os pesquisados são levados a descrever a situação ou o problema focalizado buscando explicação e solução para eles. Neste sentido, encontramos também uma aproximação com nossa proposta. Contudo, os quatro passos intrínsecos à escritura de diários não se fazem presentes na pesquisa-ação. O se que tem, na verdade, é a comparação de temáticas procurando mostrar zonas de compatibilidades e incompatibilidades. O uso da comparação é um ponto de partida que consiste em mapear os

dois universos de representação (saber formal X saber informal) e em buscar meios de intercompreensão.

Momento 11 – **Plano de Ação** – A elaboração do plano de ação consiste em definir com precisão: “a) *Quem são os atores ou as unidades de intervenção?*; b) *Como se relacionam os atores e as instituições: convergência, atritos, conflito aberto?*; c) *Quem toma as decisões?* d) *Quais são os objetivos (ou metas) tangíveis da ação e os critérios de sua avaliação?* e) *Como dar continuidade à ação, apesar das dificuldades?* f) *Como assegurar a participação da população e incorporar suas sugestões;* g) *Como controlar o conjunto do processo e avaliar os resultados?”* (p.70)

Momento 12 – **Divulgação externa** – Além de dar o retorno aos participantes da pesquisa, é possível divulgar seus resultados em eventos, congressos, conferências, etc. Para contemplar esse momento, os pesquisadores recebem um treinamento que inclui técnicas de apresentação de resultados, técnicas de comunicação por canais formais e informais, técnicas de organização de debates públicos, suportes audiovisuais, entre outros.

A mensagem que tem norteado todo o trabalho da equipe, o cuidado com que a mesma tem procurado dar conta dos eixos norteadores da ação, podem ser sintetizados por Moura:

“O compromisso de quem se dedica a pesquisar o campesinato é o de compreender as relações sociais reais por ele vivenciadas. Para que esta tarefa seja desempenhada é preciso que a atitude do pesquisador se manifeste tanto no zelo e na minúcia com que se reúnem informações sobre as representações e práticas camponesas, como também em interpretações que contenham essas relações reais, para que a análise não se transforme num exercício vazio e formalista.”(1986:70-71

III – OFICINA DIAGNÓSTICA NAS COMUNIDADES

3.1. CACIMBA CERCADA – MUNICÍPIO DE MATA GRANDE

A comunidade de Cacimba Cercada, localizada no município de Mata Grande, possui uma aglomeração dispersa, com uma das vias de difícil acesso, sendo uma população agrícola de baixa densidade demográfica.

A sede da associação funciona de forma improvisada em uma dependência contígua à residência do presidente da Associação. Esta por sua vez é constituída por 20

sócios, dos quais 16 estavam presentes na Oficina Diagnóstica, realizada no dia 30 de janeiro de 2006.

Nosso primeiro contato foi mediado pelos técnicos Murilo e Ronácio que nos apresentaram à comunidade como membros do COEP e que já desenvolve trabalho na comunidade Quixabeira.

Iniciamos a atividade, questionando dos presentes se os mesmos já sabiam o motivo da nossa presença na comunidade, se já tinham algum conhecimento das ações do COEP na região, e explicamos como se deu nossa inserção no Projeto via Universidades Cidadãs, assim como os motivos pelos quais sendo da UFS, estávamos atuando em território Alagoano.

Logo após, explicamos o objetivo da participação das Universidades no Projeto Algodão e a perspectiva de nos somarmos para contribuir com o desenvolvimento da comunidade.

Em seguida, explicamos ainda a metodologia da Oficina e o porquê da mesma está pautada em três eixos norteadores. Utilizamos neste momento um exemplo fictício questionando dos presentes: se nós chegássemos na comunidade oferecendo um curso de manutenção em motor de avião, ou manutenção de trem, ou um curso de criação de jacarés se eles teriam interesse em participar. Após as risadas eles colocaram que tais cursos não teriam utilidade prática para as atividades que eles desenvolvem na área. A partir de então, explicamos que a perspectiva da Oficina e de todo o trabalho era justamente primeiro conhecer a comunidade, identificar a realidade sócio econômica da mesma, suas potencialidades e seus desafios, mas a partir do olhar dos próprios moradores, só assim teríamos a garantia de não levarmos para a comunidade atividades que para nós da Universidade poderia ter algum sentido, mas para eles não. E assim, mesmo com toda a boa vontade, nossos esforços não teriam galgado nenhum êxito, pois fora fruto apenas de um olhar parcial e de um desejo de alguém de fora e não fruto da vivência da própria comunidade. Para não incorremos neste risco, a metodologia de trabalho pautada nos eixos norteadores, tem no grupo da academia apenas a função, o papel de mediadores do processo, uma vez a comunidade mais que ninguém conhece a sua própria realidade. Desta forma combinamos com a comunidade a necessidade da sua participação e o estabelecimento da confiança, para que o trabalho flua com êxito e seu resultado seja o mais fidedigno possível.

Feito o pacto, começamos a atividade com a leitura de uma mensagem que falava dos “sonhos de três árvores,” que foi apresentada pela professora Núbia. A

proposta da mensagem foi a de colocar os presente no clima do trabalho, ligando a reflexão da realidade com as possibilidades de mudanças, assim como a necessidade em manter-mos os sonhos individuais e coletivos sempre acesos, vivos dentro de cada um para assim buscarmos a fé e a coragem, a determinação para torná-los realidade independentemente dos obstáculos e desafios, além de refletir sobre a importância da comunidade sonhar junto, com os pés no chão.

Pense num sonho que gostaria de ver realizado antes de ler este poema.

Está pensando firmemente nesse sonho??

Se não está pensando firmemente nesse sonho ele não se tornará uma realidade!!!

Esta é a última oportunidade para pensar no sonho!!!

Que haja paz dentro de ti.
Que confies em teu mais alto poder,
Porque estas exatamente donde teu ser deve estar.
Que não te esqueças das possibilidades
Infinitas que nascem da fé.
Que uses os dons que recebeste, e passes aos demais
O amor que foi entregue a ti.
Que estejas contente sabendo que és um(a) filho(a) de Deus.
Deixa que esta presença divina se fixe em teus ossos
E permita a tua alma a liberdade de cantar e dançar,
E aquecer-se sob o sol do amor que está aí
Para cada um de nós e para ti.

UMA LINDA MENSAGEM

Havia numa cidade, três pequenas árvores que sonhavam o que seriam depois de grandes.

A primeira olhando as estrelas, disse: eu quero ser o baú mais precioso do mundo, cheio de tesouros. Para tal, até me disponho a ser cortada.

A segunda olhou para o riacho e suspirou: eu quero ser um grande navio para transportar reis e rainhas.

A terceira árvore olhou o vale e disse: quero ficar no alto da montanha e crescer tanto, que as pessoas, ao olharem para mim, levantem seus olhos e pensem em DEUS.

Muitos anos se passaram e certo dia, vieram três lenhadores e cortaram as três árvores, todas ansiosas em serem transformadas naquilo que sonhavam.

Mas os lenhadores não costumavam ouvir e nem entender sonhos....

Que pena!!

- A primeira árvore acabou sendo transformada num coxo de animais, coberto de feno.

- A segunda árvore virou um simples barco de pesca, carregando pessoas e peixes todos os dias.

- A terceira mesmo sonhando em ficar no alto da montanha acabou sendo cortada em grossas vigas e colocada de lado num depósito.

E todas as três se perguntavam desiludidas e tristes:

Para que isso??

Mas, numa certa noite, cheia de luz e de estrelas, onde havia mil melodias no ar, uma jovem mulher colocou seu neném recém nascido naquele coxo de animais. E, de repente, a primeira árvore percebeu que continha o maior tesouro do mundo.

A segunda árvore, anos mais tarde, transportou um homem que acabou dormindo no barco. Mas quando a tempestade quase afundou o pequeno barco, o homem levantou-se e disse ao mar revoltado: “SOSSEGA”.

E num relance, a segunda árvore entendeu que estava carregando o Rei dos Céus e da Terra.

Tempos mais tarde, numa sexta-feira, a terceira árvore espantou-se quando suas vigas foram unidas em forma de cruz e um homem foi pregado nela, pois fora condenado a morte mesmo sendo inocente.

Logo, sentiu-se horrível e cruel, mas no domingo, o mundo vibrou de alegria e a terceira árvore entendeu que nela havia sido pregado um homem para a salvação da

humanidade, e que as pessoas se lembrariam de DEUS e de seu filho JESUS CRISTO ao olharem para ela.

As árvores tinham sonho, mas as suas realizações foram mil vezes melhores e mais sábias do que haviam imaginado.

Portanto, por mais que você não entenda o porquê das coisas, ou pareça estar tudo errado, lembre-se que DEUS sabe o que faz.

Autor desconhecido.

Após a mensagem iniciamos a primeira fase da oficina com o questionamento:

3.1.1. QUEM SOMOS?

Colamos os cartazes e começamos a atividade. Como se tratava de um grupo pequeno, decidimos que trabalharíamos juntos. Foi utilizada a música “Nascemos para Cantar” interpretada pelo grupo: “Meninas Cantoras de Petrópolis.” A letra da música fala de “vocação.” O objetivo é que eles se perguntassem para que nasceram? Qual o papel e a vocação de cada um e do grupo como um todo? Qual a contribuição da comunidade para a sociedade? A música serviu para a reflexão dos presentes no tocante a Quem Somos? . Apresentamos a musica e o seu objetivo.

NASCEMOS PRA CANTAR

(Danny Moore / versão: Chitãozinho & Xororó)

O grande mestre do céu, nosso criador
Quando nascemos, um dom nos dá
E cada um segue a vida, o seu destino
E nós nascemos só pra cantar.

Iê iê, iiii, ê
Ieieieieie

Quem canta os males espanta
A gente é feliz
Tal qual pássaro livre no ar

Pensando bem, nós temos algo em comum
Porque nascemos só pra cantar

Disse o poeta:
“O artista vai onde o povo está”
Por isso cantamos
A qualquer hora, em qualquer lugar

Meninas Cantoras de Petrópolis
Cd Coração Sertanejo
PolyGram

Começamos a dinâmica da laranja. O acadêmico Eduardo se apresentou, fazendo um breve histórico da sua vida, enquanto sujeito, pessoa, indivíduo, a história do seu nome e depois o “eu” sujeito social: profissão, família. Seguindo este mesmo roteiro a acadêmica Alvanira, os técnicos Ronacio e Murilo e depois a professora Núbia. Cada um que se apresentava, passava em seguida a laranja para o outro.

3.1.2 QUEM SOMOS?

José de Moura Barbosa – Josia- homenagem ao padroeiro São José. Não estudou Agricultor- “Foi o ofício que meu pai me ensinou. O meu pai não teve interesse com a gente. Comigo é diferente, meus filhos estudam.”

A filha não vai para o fórum em Pernambuco por que não possui documento de identidade.

Manoel de Anjo (mané de anjo) – Nasceu e se criou em Cacimba Cercada. Assina o nome. Agricultor, trabalhador da roça.

“Nossos pais não se interessava pelo estudo. Hoje não estuda quem não quer. Eu gosto das pessoas que estuda, vai dar crescimento para o lugar.”

Maria de Lourdes – agricultora, tem 5 filhos e que “ter o futuro dos filhos”

Cícera da Paz – agricultora

Tem um filho de 11 anos e sonha que ele faça um curso de computação na própria comunidade.

Cristina Amador da Conceição – tem 5 filhos

Antônio Marcelino da Silva (Antonio Quebra) – O sobrenome é recordação dos avós, foi escolhido pelos pais e padrinhos. Nasceu em Água Branca.

Está feliz vivendo no povoado. “O grupo só tem a crescer.” Agradeceu pela aula.

“Agente não sabia de nada, mas pelo menos aprende a falar. Espero que os jovens aprendam com vocês.” Apóia o presidente da associação.

Elias Pereira – agricultor – Tem uma filha chamada **Núbia**

Antônio – Estudante do 1º ano do ensino médio – quer ser médico

Cícero José filho – agricultor – Pernambucano de Águas Belas, veio para Cacimba Cercada em 1976 . Criou todos os filhos na agricultura.

“Meu emprego é aquele que Deus me deu. Nós temos que honrar nossa profissão.”

Luís Teotônio – nome que a mãe deu em homenagem aos avós. “Não sei de nada, vendo os outros falar eu aprendo também”.

Antônio Manuel da Silva (não queria se apresentar)

Maria Lúcia da Silva- Nasceu em Palmeira dos Índios. Estudou até a 4ª série.

Agricultora. “Com muito orgulho eu levo a mina vida na roça. Vida cansada”.

Toda a família trabalha na roça. “Estou feliz porque não sou analfabeta.”

Graceluz – Pernambucana, nasceu em Águas Belas.

“Meu avô e minha avó escolheu meu nome, eles cantavam a música para mim. Meu estudo foi pouco, mas recebi muitas graças com meu estudo, aprendi a ler e escrever . Tenho vontade de formar um grupo para as pessoas daqui.”

Manoel Pereira – filho de agricultor. “A escola é trabalhar”

“Nasci e me criei na agricultura, meu pai trabalhava no alugado. Aprendeu a assinar o nome depois de casado.”

Luzia- estudante, filha do presidente da associação. Acha que é importante participar das atividades na associação.

Nivaldo – agricultor, 5 filhos.

Os outros dois moradores não quiseram se identificar e fugiram no momento em que seus companheiros se aproximaram para passar a laranja.

É importante destacar que a identidade coletiva, passa pela profissão de agricultor. Questionamos dos presentes se eles se auto denominavam de lavrador, trabalhador rural ou camponeses. Eles responderam que são agricultores por que vivem do plantio de alimentos de subsistência como milho e feijão. Desconhecem a terminologia de camponês.

Em seguida passamos para a segunda fase da Oficina (O que temos?), nessa etapa e na última (O que queremos?), as respostas estão relacionadas ao coletivo. O resultado das reflexões foi anotado nos cartazes que estavam afixados na parede.

3.1.3. O QUE TEMOS ?

Grupo de oração, Igreja, chafariz, Barragem (seca), Barreiros (individual), Terrenos
Grupo escolar – 1ª a 4ª séries

A associação foi fundada há 10 anos e possui 20 sócios, com reunião ordinária no segundo sábado de cada mês. O grupo de oração deu origem a associação.

A área é provida de **energia de fazenda**, um tipo de consórcio no qual uma pessoa se cadastra e 12 são beneficiadas com o abastecimento da energia e o consumo é rateado entre as pessoas que compõem o mesmo.

O abastecimento de água e energia é provido pelo consórcio. Uma parte da comunidade tem acesso.

Já houve a presença do projeto "alfabetização solidária" na comunidade.

Feira em Santa Cruz aos domingos

O tamanho das propriedades varia de 10 a 56 tarefas

3.1.4. O QUE QUEREMOS?

Posto de saúde

Orelhão (posto telefônico)

"Empréstimo milionário" para investir na agricultura

Assistência técnica para agricultura (plantação de algodão)

Capacitação para fazer artesanato

Fábrica de doces

Atividades para os jovens

Curso de corte e costura

Curso de informática

Analisamos com o grupo o resultado do trabalho. Refletimos sobre quais das demandas eram de responsabilidade da intervenção da própria comunidade via Associação, para atuação junto ao poder público, reiterando a nossa participação enquanto mais um no processo e nossa proposta de trabalho não era a de trazer "coisas"

para a comunidade, mas junto com ela refletir e buscar caminhos para conquistar os bens coletivos necessários ao desenvolvimento comunitário da mesma. No tocante as demandas de capacitação, estas seriam enviadas à coordenação nacional do COEP a fim de identificar quais as parcerias possíveis para viabilizar quais capacitações.

Como a comunidade teve pouco tempo para refletir sobre as demandas, sugerimos que a mesma se reunisse em outro momento, aprofundasse a reflexão, observasse a necessidade de outras demandas além das que foram apresentadas na oficina e as enviasse pelos membros do comitê gestor que iriam representar a comunidade no I Fórum de Capacitação das Comunidades COEP no Semi-Árido, a ser realizado em fevereiro no Município de Moreno em Pernambuco, para que nós pudéssemos acrescentá-las ao diagnóstico.

Enceramos a atividade, agradecendo a presença de todos e assumimos o compromisso em desenvolvermos um trabalho coletivo em prol do estreitamento dos laços comunitários, buscando contribuir para o crescimento contínuo da comunidade. Alguns membros presentes se pronunciaram, falando da satisfação em terem participado da oficina, que eles chamaram de aula, e da expectativa em ter a equipe do COEP atuando na comunidade.

Despedimos-nos com a dinâmica do abraço e registramos a presença dos participantes em fotografias.

3.2. COMUNIDADE CAMPINHO – MUNICÍPIO DE PARICONHA

A oficina na comunidade de Campinho estava prevista para ser realizada no turno da manhã, mas por problemas operacionais não foi possível chegar no horário previsto e a comunidade sugeriu que a mesma foi realizada naquele dia no horário noturno. Ao chegarmos à comunidade, ficamos surpresos com a estrutura física da mesma, a paisagem construída nos deu a impressão de uma comunidade organizada e com poucos problemas de infra-estrutura. O povoado se constitui em um aglomerado denso, com ruas largas, praças arborizadas e outros equipamentos listados pela comunidade. Questionamos-nos de imediato qual a demanda numa comunidade daquele porte e se seria realmente necessária a nossa presença na localidade.

Quando chegamos ao povoado, não havia ninguém no local da reunião, dirigimo-nos à residência do Presidente da Associação, mas o mesmo não se

encontrava. O secretário abriu as portas da escola onde seria realizada a oficina e o serviço de som da comunidade, começou a informar da nossa presença no local e convidar a comunidade a se fazer presente. Colamos os cartazes, colocamos a música e as pessoas foram chegando aos poucos. Quando já havia um grupo considerável decidimos começar a atividade.

Fomos apresentados pelos técnicos e pelo presidente da associação local. Fizemos nossa apresentação e falamos o objetivo de estarmos na comunidade.

Iniciamos a atividade com a leitura da mensagem das árvores e realizamos a mesma sistemática e metodologia da apresentada na comunidade Cacimba Cercada.

Como a participação da comunidade foi expressiva: contamos com mais de 80 pessoas, além das que ficaram nas portas e janelas apenas observando. Após explicarmos detalhadamente os motivos pelos quais estávamos na comunidade, justificamos a impossibilidade da nossa presença no turno da manhã, apresentamos nossas desculpas pelos transtornos e agradecemos a comunidade por atender o chamado e fazer-se presente à Oficina. Expomos a metodologia de trabalho, nos apresentamos, e expomos a nossa surpresa diante da estrutura apresentada no povoado colocando inclusive que questionava-nos interiormente se não havia acontecido algum equívoco quando da seleção da comunidade pelo Mendes e Aderaldo, uma vez que a estrutura do povoado se identificava mais com a sede de um município do que com uma localidade residente de agricultores. Alguns dos participantes informaram inclusive que o povoado possui uma melhor estrutura e organização do que a própria sede do município de Pariconha, mas que a localidade possuía outras tantas necessidades como de qualquer comunidade rural.

Para expressar melhor o sentimento que a paisagem do lugar nos despertava, passando a imagem, a idéia de uma coletividade coesa, unida, fizemos também a leitura da mensagem do amigo, para mostrar que a comunidade passava esta mensagem no espaço construído e esperávamos que esse fosse o sentimento que permeasse as relações sociais cotidianas dos mesmos.

“AMIGO”

***Difícil querer definir amigo. Amigo é quem te dá um pedacinho do chão,
quando é de terra firme que você precisa,
ou um pedacinho do céu, se é o sonho que te faz falta.***

***Amigo é mais que ombro amigo, é mão estendida, mente aberta, coração
pulsante, costas largas. É quem tentou e fez, e não tem o egoísmo de não querer***

compartilhar o que aprendeu. É aquele que cede e não espera retorno, porque sabe que o ato de compartilhar um instante qualquer contigo já o realimenta, satisfaz. É quem já sentiu ou um dia vai sentir o mesmo que você. É a compreensão para o seu cansaço e a insatisfação para a sua reticência. É aquele que entende seu desejo de voar, de sumir devagar, a angústia pela compreensão dos acontecimentos, a sede pelo “por vir”. É ao mesmo tempo espelho que te reflete, e óleo derramado sobre suas águas agitadas. É quem fica enfurecido por enxergar seu erro, querer tanto o seu bem e saber que a perfeição é utopia.

É o sol que seca suas lágrimas, é a polpa que adocica ainda mais seu sorriso. Amigo é aquele que toca sua ferida numa mesa de chopp, acompanha suas vitórias, faz piada amenizando problemas. É quem tem medo, dor, náusea, cólica, gozo, igualzinho a você. É quem sabe que viver é ter história pra contar. É quem sorri pra você sem motivo aparente, é quem sofre com seu sofrimento, é o padrinho filosófico dos seus filhos. É o achar daquilo que você nem sabia que buscava.

Amigo é aquele que te lê em cartas esperadas ou não, pequenos bilhetes em sala de aula, mensagens eletrônicas emocionadas. É aquele que te ouve ao telefone mesmo quando a ligação é caótica, com o mesmo prazer e atenção que teria se tivesse olhando em seus olhos.

Amigo é multimídia.

Olhos... amigo é quem fala e ouve com o olhar, o seu e o dele em sintonia telepática. É aquele que percebe em seus olhos seus desejos, seus disfarces, alegria, medo. É aquele que aguarda pacientemente e se entusiasma quando vê surgir aquele tão esperado brilho nos seu olhar, e é quem tem uma palavra sob medida quando estes mesmos olhos estão amplificando tristeza interior. É lua nova, é a estrela mais brilhante, é luz que se renova a cada instante, com múltiplas e inesperadas cores que cabem todas na sua íris.

Amigo é aquele que te diz “eu te amo” sem qualquer medo de má interpretação: amigo é quem te ama “e pronto”. É verdade e razão, sonho e sentimento. Amigo é pra sempre, mesmo que o sempre não exista.

Erilene Franklin

Diana Carla 23.07.2001

Realizada a reflexão sobre a mensagem, colocamos a música “Nascemos para Cantar” e formamos três grupos. Optamos por não agrupá-los por gênero uma vez que a participação estava equilibrada entre homens, mulheres e jovens e pelo fato de que a própria demanda por si só denunciaria, a qual grupo estava à mesma ligada.

Alvanira, Eduardo e Núbia, ficaram responsáveis pela condução dos grupos, assessorados por Ronácio, Murilo e um membro da Associação. Murilo ficou responsável também em anotar nos cartazes o resultado das reflexões nos grupos para serem apresentadas na plenária.

3.2.1. QUEM SOMOS?

Foi realizada a dinâmica da laranja para dar início aos trabalhos nos grupos. Um membro se apresenta, fala um pouco da sua história de vida, da história do seu nome, sua identidade enquanto sujeito social e logo após passa a laranja para outro membro do grupo.

QUEM SOMOS? GRUPO A

Hélio de Oliveira

Andréa – em homenagem a atriz

Marcos

Cícero

Isac – galego das verduras

Maria Aparecida

Marilene – planta alguma coisa. Mora na casa dos filhos

Josileide – vende confecções

Amélia – 5 filhos “cuida dos pais e vende cachaça”.

Maria do Carmo – 10 filhos

Creuza

Maria São Pedro

Julilia

Daniela

Francisca – agricultora

Joana

Luis – Agricultor

Maria

Lidiane – estudante

Margarida

QUEM SOMOS? GRUPO B

Nilda – agricultora. “Espero algo de melhor para a comunidade.”

Nilton Cezar – agricultor. Possui um sítio e criações de ovelhas.

Nazaré – agricultora e auxiliar de enfermagem. Nasceu em campinhos, tem 3 filhos

Arleide – agricultora

Maria José – agricultora e possui criações de ovinos, tem 12 filhos, 4 moram em SP

Maria José – aposentada. 2 filhos, trabalhou 40 anos na roça

José Alves – agricultor

Zacarias – agricultor. Planta feijão, milho, mandioca e algodão

José Pereira – agricultor

Maria Cleide – agricultora , tem 3 filhos

Maria São Pedro – agricultora aposentada. O esposo tem 80 anos, também é aposentado

Maria de Lourdes- agricultora aposentada

Julieta – agricultora tem 9 filhos

Manoel – agricultor e criador

Edésio- agricultor – ministro da eucaristia na igreja local

João Pereira Gomes – agricultor. Planta algodão, feijão e milho

Antônio Bezerra- agricultor

Francisco (Chico) – 1 filha, morou 8 anos em São Paulo

Ronildo Gomes – agricultor , tem 52 anos e 4 filhos

Maria Gilda Soares- agricultora , tem 39 anos e 1 filha

José batista (Zezinho) – agricultor

Maria de Fátima – agricultora, tem 5 filhos. Planta mandioca, milho e feijão

Edimilson – agricultor , 22 anos, não estuda

QUEM SOMOS? GRUPO C

O grupo que ficou sob a responsabilidade do acadêmico Eduardo, não foi devidamente registrado.

Concluída esta fase, passamos para a próxima :

3.2.2. O QUE TEMOS?

Forrageira (fazer farelo de milho);

Matadouro;

Posto de Saúde;

Farmácia;

Marcenaria;

Padaria;

Bar;

Lojas;

Escolas;

Quadra de esportes;

Praças;

Casas de material de construção;

Oficina de motos;

Campo de futebol;

Dois vereadores;

Orelhão;

Televisão na praça;

Ônibus;

Transporte p/ zona urbana;

Energia elétrica;

Água encanada;

Dois Poços artesianos;

Calçamento;

Antena parabólica;

Alfabetização de jovens e adultos;

Fábrica de pré-moldados

Associação com 120 sócios

Obs. Os tamanhos das propriedades variam de 2 a 1000 tarefas de terra.

Esta relação já é o resultado do cruzamento do trabalho nos grupos.

Passamos para a terceira fase:

3.2.3. O QUE QUEREMOS?

Como resultado do trabalho nos três grupos temos:

- Construir mais salas de aula;
- Ampliar o posto de saúde;
- Vigilância sanitária;
- Escola de 1º Grau;
- Biblioteca;
- Delegacia;
- Curso de informática;
- Sede da associação;
- Segurança;
- Trator c/ máquinas agrícolas;
- Mini-usina p/ beneficiamento do algodão;
- Fisioterapia;
- Dentista;
- Irrigação (canal do sertão);
- Curso de doces caseiros;
- Curso de artesanato, de material reciclado e couro;
- Curso de pintura em tecidos;
- Curso de culinária;
- Curso e fábrica de polpas de frutas;
- Fábricas de roupas (máquinas);
- Assistência técnica (agricultura);
- Cooperativa para manter o preço da safra;
- Barragem;
- Curso para lidar com o plantio e a criação;
- Centro de lazer;

Após o trabalho em cada grupo, voltamos a compor um único grupo, e foi exposto o resultado geral das questões ligadas ao coletivo: o que temos e o que queremos. Realizamos uma reflexão com a comunidade para verificar diante do quadro de demandas por ela apresentado, qual ou quais atores seriam os responsáveis pelo atendimento das mesmas. Era responsabilidade do COEP, por exemplo, levar um trator para a comunidade. Uma vez que a radiografia das demandas estava apresentada, quais os mecanismos, quais as atitudes que a comunidade deveria tomar para ao elencar as

demandas por ordem de prioridade, buscar os meios para atender às mesmas, a partir da somação de esforços.

Explicamos mais uma vez a comunidade qual o papel do COEP e das Universidades no processo de desenvolvimento comunitário. Não se concebe desenvolvimento comunitário com atores sociais passivos e dependentes dos agentes externos.

Este momento foi importante para reafirmar a nossa participação na comunidade, se a mesma aceita desta forma. Questionamos se a comunidade estaria disposta a nos receber mesmo sabendo que nós não levaríamos um trator para lá. Após acalorada discussão da comunidade, uma vez que as mulheres, jovens e alguns homens se pronunciaram colocando que a principal prioridade da comunidade era a educação mediante a ampliação do espaço físico da escola, para comportar outros níveis de ensino além da quarta série. Houve um confronto com aqueles que entendem como prioridade a existência do trator, uma vez que a principal fonte de renda da comunidade está ligada à atividade agrícola. Outros colocaram que o trator deveria ser pensado a partir de atividades coletivas para arrecadar os fundos necessários à sua aquisição.

No calor das discussões, colocamo-nos à disposição da comunidade para juntos trabalharmos em prol do seu contínuo desenvolvimento. E eles se comprometam a fazerem-se presentes nas atividades do COEP Universidades Cidades.

Comprometemos-nos em enviar o resultado da oficina diagnóstica ao COEP Nacional para que fosse estudada as possibilidades de execução de quais capacitações dentre as que foram demandas pela comunidade.

Despedimos-nos com a mensagem do Diamante e a dinâmica do abraço, expondo a nossa grande satisfação em termos conhecido a comunidade e nossas perspectivas de êxito com a execução das atividades..

DIAMANTE

Certa vez, um homem caminhava pela praia numa noite de lua cheia.

Pensava desta forma: se tivesse um carro novo, seria feliz;

Se tivesse uma casa grande, seria feliz;

Se tivesse um excelente trabalho, seria feliz;

Se tivesse uma parceira perfeita, seria feliz...

De repente, tropeçou em uma sacolinha cheia de pedras.

Ele começou a jogar as pedrinhas uma a uma no mar cada vez que dizia: seria feliz se tivesse...

Assim o fez até que somente ficou com uma pedra na sacolinha, e decidiu guardá-la.

**Ao chegar em casa percebeu que aquela pedrinha era um diamante muito valioso.
Você imagina quantos diamantes ele jogou ao mar sem parar para pensar?**

Assim são as pessoas... jogam fora seus preciosos tesouros por estarem esperando o que acreditam ser perfeito ou sonhando e desejando o que não têm sem dar valor ao que têm perto delas.

Se olhassem ao redor, parando para observar, perceberiam quão afortunadas são. Muito perto de si está sua felicidade. Cada pedrinha deve ser observada... pode ser um diamante valioso.

Cada um de nossos dias pode ser considerado um diamante precioso, valioso e insubstituível.

Depende de cada um aproveitá-lo ou lançá-lo ao mar do esquecimento para nunca mais recuperá-lo.

E Você, como anda jogando suas pedrinhas? (que podem ser namorados, amigos, trabalho e até mesmos seus sonhos).

“A maior perda da vida é o que morre dentro de nós enquanto vivemos.”

Muitos dos presentes conversaram com a equipe denunciando a sua satisfação com os resultados da oficina e querendo ter acesso a cópias das mensagens, que ficaram de serem repassadas no I Fórum de Capacitação das Comunidades COEP no Semi-Árido, aos membros do comitê gestor, representantes da comunidade.

Na comunidade Quixabeira, a atividade foi realizada com 36 pessoas

3.3. COMUNIDADE DE QUIXABEIRA - MUNICÍPIO DE ÁGUA BRANCA,

Diferente das outras duas comunidades, o Quixabeira já possui atuação do COEP e a realidade da mesma já foi palco de estudos, que resultaram nos diagnósticos histórico, situacional e estrutural:

A comunidade dispõe de uma escola, rede de energia elétrica monofásica, telefone comunitário, transporte diário para o centro do município (cidade) e condições de estrada variável durante o ano. Atualmente cerca de 77 famílias habitam a comunidade, totalizando 371 pessoas e um tamanho familiar médio de 4,82 pessoas por família, sendo 63 dessa famílias proprietárias de suas terras, uma família arrendatária e 10 famílias meeiras. O abastecimento de água de todas as casas é oriundo de rede de

água encanada, sendo 42,86% delas portadoras de sanitários. 45,45% dos domicílios dispõem de energia elétrica, 93,51% possuem rádios ou TV, 19,48% possuem geladeira e 90,91% utilizam gás de cozinha. A renda média mensal familiar é oriunda da propriedade e é de R\$ 241,49, enquanto a renda *per capita* na comunidade é de R\$ 50,12. De todas as crianças com até quinze anos na comunidade, 95,29% delas estão na escola. O tamanhos das propriedades é, predominantemente, de até 12,0 ha.. 45,45% da população vive em propriedades com tamanho variando entre 0,1 e 3,9 ha.. 22,08% vivem em propriedades com tamanho variando entre 4,0 e 7,9 ha.. 12,99% vivem em propriedades com tamanho variando entre 8,0 e 11,9 ha.. 10,39% da comunidade vive em propriedades maiores que 16,0 ha.

3.3.1- QUADRO DE SITUAÇÃO - Técnica “caminha no campo”

CATEGORIAS	INFORMAÇÕES SECUNDÁRIAS	OBSERVAÇÕES EM CAMPO
<p>1. HISTÓRIA DA REGIÃO (comunidade, assentamento, município etc.)</p>		<p>Quixabeira: havia muita arvore de quixaba. Hoje em dia não há mais. Era uma fazenda que já tinha esse nome. O dono arrendou a fazenda e depois os arrendatários forma comprando os lotes que arrendavam (Coronel Ulisses Luna era o proprietário qdo morreu filhos venderam os lotes)</p> <p>Covões de cima: para diferenciar do covões de baixo) era tbem uma fazenda. Do Avô de Adelmo José Ismael de Lima – dividiu área para filhas...???</p> <p>Lagedo do couro: (</p> <p>Festa : do padre Cícero (10 a 19 de setembro)</p> <p>Todos proprietários. Propriedades de cerca de 3 a 120 tarefas (1 a 40 há)</p> <p>Essas tres comunidades mais gangorra, valentim e logrador costumam se associar a associação de quixabeira pois há falta de outras que funcionen efetivamente nessas comunidades.</p>
<p>2. INFRA-ESTRUTURA (no assentamento e seu entorno)</p>		

<ul style="list-style-type: none"> Estradas 		Razoáveis todo o ano pra chegar ‘a comunidade e em seu interior
<ul style="list-style-type: none"> Energia elétrica 		Trifásica para a usina Monofásica pra comunidade Quixabeira 90% tem energia Covões de cima 90% tem energia Lagedo no vilarejo 90% tem energia
<ul style="list-style-type: none"> Moradias (existência, energia, abastecimento de água, fossa, etc) 		95% tem água canalizada tratada (rede pública) muito pouca gente tem cisterna. Há algum raciocínio mas não costuma faltar água nem na época mais seca. VaLENTIN DE 22 CASAS SÓ 2 TEM ENERGIA 5% só tem banheiro com fossa. (o resto só tem o banheiro “de susto”- A maioria das casas só tem banheiro pra banho. O “sanitário” é “no mato”
<ul style="list-style-type: none"> Benfeitorias (cocheiras, silos, depósitos, currais, etc) 		No geral não tem silo, depósitos etc...
<ul style="list-style-type: none"> Reserva de água (tipos de reservatórios, quantidade de reservatórios, capacidade de reserva etc.) 		Açudes e barragens particulares médios (meio há, ...) Fontes(salgadas). 3 ou 4 fontes (de lorenzo de zé clemente de luis em gangorra) fontes em terrenos particulares. Correndo perigo de secar , pois não estão preservadas
<ul style="list-style-type: none"> Máquinas/equipamentos 		Miniusina, telesala, Casa de farinha (particular de Braz) Quase todos tem arado de boi . Algumas pessoas tem pulverizador (5 ou 6 da comunidade). Quando possível há empréstimos de pulverizador, mas há poucos e “ não vence” a necessidade Fogão a lenha a gás e a carvão.praticamente todos tem dos três tipos. Fogão lenha em casas mais antigas é dentro de casa as mais novas o pessoal coloca fora de casa. Madeira para o fogão é tirada de região de moxotó, serra braçnca. Pessoal tem terras lá vai e corta madeira pra queimar. Não há reserva. Distância de 12 km para coletar madeira
<ul style="list-style-type: none"> Cercas 		Arame farpado. Algumas pessoas usam cerca de macambira (pouca gente) macambiraq serve pro gado (queimando –a)
3. SOLO E RELEVO		

<ul style="list-style-type: none"> Tipos de solos (caracterização natural) 		predominantemente franco arenoso. Terreno plano
<ul style="list-style-type: none"> Condições atuais dos solos agrícolas (erosão, uso, cobertura vegetal etc) 		Quase não há erosão,
<ul style="list-style-type: none"> Limitações técnicas de uso 		
<ul style="list-style-type: none"> Recomendações de usos 		Cultivares melhoradas de algodão
<ul style="list-style-type: none"> Topografia da localidade (assentamento e/ou propriedades como um todo) 		
4. VEGETAÇÃO NATURAL E CULTIVOS		
<ul style="list-style-type: none"> Vegetação natural – <ul style="list-style-type: none"> Tipificação Área ocupada Estágio atual de uso Proposta de uso (indicações) 		Caatiga. Catingueira, juazeiro, angico, quixabeira, mororó, umbuzeiro, imburana, algaroba, pereiro, caraibeira.
<ul style="list-style-type: none"> Cultivos <ul style="list-style-type: none"> Tipos O sistema de cultivo (monocultivo, consórcio, subsistência, mercado); Dificuldades técnicas; 		Feijão de arranca, milho mandioca, algodão feijão de corda. Planta consorciado milho e feijão (feijão com milho por dentro”) melancia abóbora, macaxeira, batata doce, mamão) Há muito umbuzeiro, cajá , caju Forrageiras: palma (maioria que cria gado ou tem o animal para trabalhar tem palma), palha de milho, capim faixa branca, capim estrela, capim bufel (tem na região)
<ul style="list-style-type: none"> Propostas de novos cultivos. (ressaltar os fatores favoráveis) 		
5. CRIATÓRIOS		
<ul style="list-style-type: none"> Tipos Sistema de criação (objetivo,intensivo/extensivo,...) 		Porco, galinha, boi, cabra, ovelha Cria presos, mens a galinha que fica solta

- Dificuldades/limitações		
- Proposta de novas criações (ressaltar os fatores favoráveis)		
6. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS		
Períodos de seca, de chuvas, temperaturas...		Inverno: maio a agosto Verão: setembro a abril Chega a não chover um milímetro no verão Média ano passado: 230 mm Média deve ser 400 mm mais ou menos
7. OUTRAS ATIVIDADES PRODUTIVAS EXISTENTES NO ASSENTAMENTO SEM SER AGROPECUÁRIA		
- Tempo que existe - Produtos/serviços - Experiência das pessoas - Retorno financeiro		Antigamente fazia linha de algodão, almofada, esteira de bananeira.

Quando chegamos a Comunidade Quixabeira, alguns dos sócios ainda estavam arrumando a sala para a reunião. Por conta de um desencontro chegamos mais cedo que os técnicos. Paulo (Presidente da Associação) iniciou os trabalhos, fazendo a apresentação da equipe da UFS à comunidade, que contou com a participação de 36 dos 40 associados. Após as apresentações e explicações iniciais começamos a atividade com a música “nascemos para cantar” em seguida foi apresentada a mensagem das Três Árvores e realizamos a mesma metodologia utilizada nas comunidades anteriores. Após as explanações iniciais e explicação da metodologia do trabalho, formamos dois grupos, entre os 36 participantes, sem realizar a separação por gênero. A professora coordenou um grupo e Alvanira e Eduardo, coordenaram o outro.

3.3.2. QUEM SOMOS ? Grupo A

Braz Pereira – agricultor – 12 filhos

Eva Maria – 3 filhos, pedagoga, Professora da escola local

Manoel Vicente (Manoel ferreiro) . Trabalha como ferreiro, tem 10 filhos, 3 moram em São Paulo, 1 em Paulo Afonso, 1 em Pernambuco e 1 em Quixabeira

Fernando – casado - Estudou até a 5ª série. Nasceu em Quixabeira

Girleno – agricultor, nasceu em Covões de Cima (comunidade agregada ao Quixabeira)
“Não sou casado e não pretendo me casar”

José Rodrigues – agricultor, solteiro, mora com os pais.

Maria José (nenê), nasceu em Quixabeira. Estudou até a 4ª série, passou 6 anos em São Paulo. Sempre sonhou em ter a carteira de trabalho assinada. Quando retornou de São Paulo voltou a estudar e concluiu o 1º grau. Fez um concurso em Água Branca, no qual foi aprovada. Atualmente trabalha como servente da prefeitura.

Antônio Jovino – agricultor. Nasceu e se criou em Gangorra

Evaldo – agricultor, casado, tem 2 filhos. Está aposentado por problemas de saúde. Estuda o 1º ano em Água Branca, passou 9 anos tomando remédio controlado.

Antônio Reginaldo- agricultor, tem 3 filhos, nasceu na Serra do Estreito em Água Branca

Maria de Lourdes – agricultora , tem 6 filhos, estudou até a 4ª série
“A vida do agricultor é trabalhar na roça.”

Maria do Carmo – agricultora – 8 filhos

Maria da Conceição (Ceixa) – estudante do 3º ano do ensino médio em Água Branca
Nasceu em Água Branca

José Expedito – agricultor, tem 3 filhos

Manoel Ferreira- faz parte do grupo gestor

José Antônio – dono da borracharia de motos (este não estava na reunião, falamos com ele quando estávamos voltando e paramos para tirar foto de sua borracharia)

Manoel Teodoro (Noé Teodoro). Nasceu em Onça e se criou em Quixabeira. Tem 7 filhos, 4 estão em São Paulo.

“A família foi crescendo e procurou melhoras saindo para São Paulo.”

José Roberto (Zé Roberto) – agricultor, tem 5 filhos. Nasceu no Sítio Lajeiro do Couro. Estudou até a 1ª série

Valdemar Antônio de Barros (Barrinho) – agricultor, tem 5 filhos

José Jailton (Dito)- estudante 14 anos, tem 8 irmãos

3.3.3. QUEM SOMOS? Grupo B

José Gomes de Souza – núcleo torrão de Cima.

Agricultor – planta feijão, milho, algodão, mandioca e pega boi.

Maria Lúcia Santos Pereira – Cearense. Mora há oito anos na comunidade. O esposo é alagoano.

Sonha em progredir mais.

“Nós agricultores temos uma vida muito sofrida”.

Helene Campos – nasceu em Quixabeira. Foi a São Paulo, passou 12 anos, casou e voltou para a enxada. Era operador de máquinas de cabo de aço.

José Manoel – Zé de Sola. É filho único, mora com a mãe. O pai deixou a mãe quando ele tinha 1 ano.

Estou até completar 12 anos de idade. Concluiu a 4ª série.

Casou com 17 anos. Com 25 anos fez o curso de Agente Comunitário de Saúde. Passou em 1º lugar. Tem 9 filhos. Continua na agricultura.

“Família grande e salário pouco”.

Estuda atualmente em Paulo Afonso.

É sócio da associação. Foi vice-presidente e é membro do comitê gestor.

“80% das casas não têm banheiro nem fossa”

Gilberto Alves da Silva – nasceu em Cacimba Cercada está há oito meses no Quixabeira.

Não aprendeu a ler.

Agricultor e planta palma para criar os bichos.

Cícero – nasceu em Logrador. É sócio. Agricultor.

“Minha profissão é a enxada”

Expedito Francisco – agricultor 10 filhos.

“estudo nunca tive, assino o nome por milagre de Deus”

Manoel Gomes de Souza – agricultor – comunidade Carvões de Cima – 7 filhos.

Sócio. “vivo na agricultura”.

José Maria Dantas - comunidade Lagedo. 25 anos na roça. “Roça sem futuro”

Tem 5 filhos

Vilson F. Santos – quando estava com 8 meses de vida, a mãe foi para São Paulo e ele ficou com o avô. Quando tinha entre 5 e 6 anos de idade foi morar com a tia e voltou ao Povoado aos 11 anos. Cursa o 2º ano científico.

“Meu avô é meu pai”

Há quatro anos a mãe voltou de São Paulo, fez concurso e é zeladora no Quixabeira.

Ajuda na roça

Damião – é agricultor

Salustiano – o avô foi quem sugeriu o nome. Tem 6 filhos. 11 anos no Quixabeira. É agricultor.

“Continuo na luta, sofrendo até quando Deus quiser”.

Francisco da Conceição – Chico. Comunidade Sitio Valentim. Mora com a mãe, ela ficou viúva quando esta grávida dele e com mais 8 filhos. Estudou até a 4ª série. Aos 19 anos foi a São Paulo, passou 3 anos, estudou na santa Cruz do Deserto até a 6ª série.

Paulo Expedito de Barro – agricultor

Edvaldo José – “nascido e criado na roça”

Tertuliano Dantas – Quixabeira. 3 filhos. “vivo da agricultura e do criatório de ovelha e gado”

3.3.4. O QUE TEMOS ?

Tele-sala;
Igreja;
Mini-usina;
Grupo escolar;
Posto de saúde;
Centro comunitário;
Tear;
Campo de futebol;
Orelhão;
Mãe Rainha;
Criação de ovinos e caprinos;
Padroeiro Padre Cícero;
Aprisco (curral);
Energia elétrica;
Água encanada;
Grupo de jovens e adultos;
Grupo de oração;
Casas;
Os terrenos (média de 2 a 100 tarefas);
Árvores frutíferas;
Mercearia;
Botijão.

3.3.5. O QUE QUEREMOS?

Trator;
Forrageira;
Escola de 2º Grau;

Ambulância;
Dentista;
Saneamento básico;
Banheiros nas casas;
Uma praça;
Uma quadra de futebol;
Um ônibus;
Calçamento;
Mini-fábrica de costura;
Fábrica de polpas;
Poços artesianos;
Açudes;
Irrigação;
Casa de farinha;
Padaria;
Biblioteca;
Matadouro;
Farmácia;
Uma creche

Com o resultado do trabalho nos grupos e a partir da sua exposição para todos os participantes, refletimos qual o papel do COEP na comunidade, se todas as demandas seriam de responsabilidade do COEP o pronto atendimento das mesmas. Ficou claro a necessidade de aprofundarmos as reflexões no tocante a filosofia de trabalho da entidade, ao tempo que levamos os presentes a pensarem nos mecanismos que devem ser buscados para dar conta das demandas por eles apresentadas. Sugerimos que a comunidade voltasse a se reunir para repensar sobre as demandas e levar o resultado ao I Fórum de Capacitação. Informamos que o resultado do trabalho seria enviando ao COEP nacional para o estabelecimento de parcerias que viabilizassem a execução de algumas das demandas de capacitação.

Agradecemos à presença de todos e encerramos com a dinâmica do abraço.

3.3.6 QUADRO SÍNTESE DA OFICINA DAGNÓSTICA NAS COMUNIDADES

POV. CACIMBA CERCADA (MATA GRANDE-AL)	POV. CAMPINHO (PARICONHA-AL)	POV. QUIXABEIRA (ÁGUA BRANCA-AL)
QUEM SOMOS?	QUEM SOMOS?	QUEM SOMOS?
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Agricultores (trabalham na terra); ➤ Produtores (criam animais). 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Agricultores (trabalham na terra e/ou criam animais). 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Agricultores (trabalham na terra); ➤ Criadores (criam animais).
O QUE TEMOS?	O QUE TEMOS?	O QUE TEMOS?
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Grupo de oração; ➤ Associação; ➤ Igreja; ➤ Energia; ➤ Chafariz; ➤ Barragem; ➤ Barreiro; ➤ Propriedades; ➤ Terrenos (média de 10 a 56 tarefas); ➤ Casas; ➤ Escola. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Forrageira (fazer farelo de milho); ➤ Matadouro; ➤ Posto de Saúde; ➤ Farmácia; ➤ Marcenaria; ➤ Padaria; ➤ Bar; ➤ Lojas; ➤ Escolas; ➤ Quadra de esportes; ➤ Praças; ➤ Casas de material de construção; ➤ Oficina de motos; ➤ Campo de futebol; ➤ Dois vereadores; ➤ Orelhão; ➤ Televisão na praça; ➤ Ônibus; ➤ Transporte p/ zona urbana; ➤ Energia elétrica; ➤ Água encanada; ➤ Poços artesianos; ➤ Calçamento; ➤ Antena parabólica; ➤ Alfabetização de jovens e adultos; ➤ Fábrica de pré-moldados. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Tele-sala; ➤ Igreja; ➤ Mini-usina; ➤ Grupo escolar; ➤ Posto de saúde; ➤ Centro comunitário; ➤ Tear; ➤ Campo de futebol; ➤ Orelhão; ➤ Mãe Rainha; ➤ Criação de ovinos e caprinos; ➤ Padroeiro Padre Cícero; ➤ Aprisco (curral); ➤ Energia elétrica; ➤ Água encanada; ➤ Grupo de jovens e adultos; ➤ Grupo de oração; ➤ Casas; ➤ Os terrenos (média de 2 a 100 tarefas); ➤ Árvores frutíferas; ➤ mercearia; ➤ Botijão.
O QUE QUEREMOS?	O QUE QUEREMOS?	O QUE QUEREMOS?
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Escola; ➤ Água; ➤ Energia; ➤ Posto de saúde; ➤ Posto telefônico; ➤ Curso p/ aprender fazer doce; ➤ Curso de Artesanato; ➤ Curso de hortaliças; ➤ Curso de violão; ➤ Assistência técnica p/ o algodão; ➤ Assistência técnica p/ os ovinos; ➤ Curso de corte e costura; ➤ Curso de informática. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Construir mais salas de aula; ➤ Ampliar o posto de saúde; ➤ Vigilância sanitária; ➤ Escola de 1º Grau; ➤ Biblioteca; ➤ Delegacia; ➤ Curso de informática; ➤ Sede da associação; ➤ Segurança; ➤ Trator c/ máquinas agrícolas; ➤ Mini-usina p/ beneficiamento do algodão; ➤ Fisioterapia; ➤ Dentista; ➤ Irrigação (canal do sertão); ➤ Curso de doces caseiros; ➤ Curso de artesanato, de material reciclado e couro; ➤ Curso de pintura em tecidos; ➤ Curso de culinária; ➤ Curso de polpas de frutas; ➤ Fábricas de roupas (máquinas); ➤ Assistência técnica (agricultura); ➤ Cooperativa p/ manter o preço da safra; ➤ Barragem; ➤ Curso p/ lidar c/ o plantio e a criação; ➤ Centro de lazer; ➤ Maquinário para o algodão. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Trator; ➤ Forrageira; ➤ Escola de 2º Grau; ➤ Ambulância; ➤ Dentista; ➤ Saneamento básico; ➤ Banheiros nas casas; ➤ Uma praça; ➤ Uma quadra de futebol; ➤ Um ônibus; ➤ Calçamento; ➤ Mini-fábrica de costura; ➤ Fábrica de polpas; ➤ Poços artesianos; ➤ Açudes; ➤ Irrigação; ➤ Casa de farinha; ➤ Padaria; ➤ Biblioteca; ➤ Matadouro; ➤ Farmácia; ➤ Uma creche.

4. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

FRANCO, A. de. **Porque Precisamos de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável**. 2 ed. Brasília: Instituto de Política Millennium, 2000.

MARTINS, J. de S. **A Sociabilidade do Homem Simples. Cotidiano e História na Modernidade Anômala**. São Paulo: Hucitec, 2000.

____ **O Poder do Atraso. Ensaios de Sociologia da História Lenta**. 2 ed. São Paulo : Hucitec, 1999.

____. **Exclusão Social e a nova Desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997.

____. **A Chegada do Estranho**. São Paulo: Hucitec, 1993.

MOURA, M.M. **Camponeses**. São Paulo: Ática, 1986. Série Princípios 52.

SCHRADER, A. et all. (orgs). **Métodos de Pesquisa Social Empírica e Indicadores Sociais**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1986. (coleção temas básicos de Pesquisa-ação).